

Desigualdades social e de gênero: reflexões acerca da participação de jovens mulheres integrantes do movimento hip hop

Gênero, desigualdades e cidadania

Tábata de Lima Pedrosa
Mônica Rodrigues Costa

Este trabalho pretende compreender as questões de gênero a partir da produção político cultural do Cores Femininas, grupo exclusivo de mulheres, integrantes do movimento *hip hop* na cidade do Recife. Foi realizada pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico, a partir do acompanhamento de eventos promovidos pelo grupo em foco. Fica evidente o propósito do grupo de obter cidadania através da arte, o combate ao preconceito quanto à produção cultural das mulheres e a valorização do protagonismo feminino. Dessa forma, o Cores Femininas se caracteriza como grupo de mulheres, através do qual as jovens buscam empreender uma discussão voltada para a temáticas de gênero, em interface com a demanda dos direitos da mulher em suas produções político culturais.

Palavras chave: Movimento hip hop; gênero; participação.

Introdução

A pesquisa “A produção político-cultural das jovens grafiteiras do movimento *hip hop* de Recife”, teve como objetivo compreender como a produção do elemento grafite inflexiona a participação das jovens em termos de adesão ou emancipação ao modelo hegemônico masculino presente no movimento *hip hop*. A partir da investigação pudemos perceber que apesar de haver a inserção de mulheres nesse movimento na cidade do Recife, estas enfrentam desafios, dentre os quais podemos destacar: constrangimentos, desvalorização de suas produções e dificuldades de circulação na cidade. Nesse cenário, identificamos ainda que, as discussões relacionadas às questões de gênero contribuem para uma mudança de percepção e posturas mais críticas, entretanto, ainda são incipientes, à medida que não garantem igualdade de oportunidades e participação das mulheres no interior do movimento.

Com relação à participação de mulheres no movimento *hip hop* em Recife, Barreto (2004) revela a existência de poucas representantes femininas nas práticas artísticas quando comparada a quantidade de homens, sendo o movimento predominantemente masculino. No entanto, as mulheres estão presentes em eventos e se interessam pelo movimento (RODRIGUES e MENEZES, 2012).

É importante situar, quanto ao movimento *hip hop*, que tem suas origens num contexto de luta pelos direitos civis. Aparecendo como uma manifestação de caráter político e social, que tem o espaço público como panorama da expressão da cultura. Cinco elementos integram este movimento: o rap (ritmo e poesia), DJ (discotecagem), MC (mestre cerimônia), grafite (artes visuais) e o conhecimento que provoca posicionamentos críticos e possivelmente constrói alternativas de vida aos jovens. Este elemento perpassa os demais.

No que se refere à gênese, conforme Barreto (2004), o *hip hop* surgiu nos EUA, assentado territorialmente nos subúrbios de Nova York, em bairros como Bronx, Harlem e Brooklyn, onde a população local sofria com as discriminações sociais e étnico-raciais. Caracterizado como manifestação político-cultural que denuncia as dificuldades enfrentadas em contexto de pobreza, violência e racismo e alinhado com a luta pelos direitos civis dos negros (Black Panthers, Martin Luther King, Malcon X), utiliza os elementos culturais do *rap*, MC, Dj, *break* e grafite como instrumentos de denúncia, de protesto, de “passar a mensagem” (COSTA & MENEZES, 2009).

Pretende-se nesse estudo, investigar as questões de gênero presentes no movimento *hip hop*, considerando as possibilidades de construção da igualdade de gênero a partir da participação sócio-política e das produções político-culturais das jovens mulheres inseridas no coletivo Cores Femininas.

Em se tratando dessa discussão, Matsunaga (2008), expõe que, apesar do poder de denúncia e contestação do movimento sobre a desigualdade social, este pode reproduzir e/ou produzir desigualdade a partir da diferenciação sexual determinando papéis e lugares sociais. Ela entende que,

Esta permanência de uma visão androcêntrica possui, pelo menos, dois sentidos. O primeiro seria a manutenção de poder. A “guerra dos sexos” no movimento se perpetua, principalmente na exposição artística. O embate entre homens e mulheres se dá quando eles a impedem de “aparecer” tanto quanto eles. Para o movimento, não é legítimo a mulher ir para o palco, uma vez que este espaço é reservado para os homens. Se pensarmos na separação rua/casa, espaços públicos e privados, podemos inferir que existe uma distinção entre palco/bastidores (p. 114).

Isso significa dizer que, embora esse movimento social tenha presente em sua pauta questões como união, liberdade e respeito, encontramos pontos que demonstram ambiguidades, sendo passíveis de reflexões.

Dessa forma, as dificuldades enfrentadas por essas mulheres são vivências que expressam a manutenção das desigualdades masculino/feminino, sob a forma da reserva de territorialidades, sendo o público, a rua, a cidade o “palco” para os homens e o privado, a casa, os “bastidores” para as mulheres (MENEZES-SANTOS, 2010). Quer dizer que embora a circulação das mulheres no espaço público, pareça um direito civil básico (de ir e vir) conquistado, ainda se apresenta como um desafio para as jovens.

Nesse sentido, trabalharemos com a discussão de gênero numa perspectiva relacional, tendo a ver com relações sociais entre as mulheres, entre os homens e entre mulheres e homens. Nessa concepção, tal categoria é entendida como “elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1990). Além de ser relacional, também está associada às relações de poder, bem como intersecções de classe e raça/etnia.

Do ponto de vista metodológico, o trabalho foi elaborado com base em pesquisa qualitativa, de caráter etnográfico. Houve o acompanhamento de alguns dos eventos promovidos pelo grupo Cores Femininas, os quais deram subsídios aos relatórios de observação e registros em diário de campo.

A discussão em foco irá contemplar a observação/acompanhamento de evento organizado pelo coletivo em questão. Trata-se do 1º Mutirão Cores Femininas, que aconteceu em Abril de 2012, na comunidade do Totó. Tal evento foi escolhido para subsidiar a discussão, visto que foi uma atividade que agregou as jovens, numa perspectiva de pertencimento coletivo e possibilitou a execução dos elementos do *hip hop*, dentre outras linguagens artísticas para debates e reflexões.

Situando o movimento *hip hop* no contexto da cidade

Conforme Costa e Menezes (2009), no Nordeste, a chegada do movimento *hip hop* se deu em meados dos anos de 1980, com o auxílio da indústria cultural e dos meios de comunicação. A partir dos anos 90, do século XX, tais meios divulgaram a produção *hip hop* e permitiram que ocorresse articulação entre os grupos. Esse processo despontou de diversas formas na realidade do Recife, como foi o caso do filme *Break Dance*, estrelado no cinema São Luís, o qual se tornou referência para os *b. boys* pioneiros na cidade. O *break* ganhou aos poucos tonalidades da cultura local (hibridização com passos de caboclinhos, frevo etc.).

Estudos sistematizados pelas autoras acima citadas (2009) apresentam o contexto recifense, no qual o *hip hop* encontra-se organizado através de uma associação que reúne diversos grupos da região

metropolitana, em uma rede que agrega diferentes grupos, com forte presença, especialmente, de grafiteiros, inúmeras *crews* (posses) e grupos que não obedecem a uma territorialidade nem buscam seguir a tradição de estar articulados a todos os elementos.

A presença dos jovens de periferia na cena pública constitui, para Novaes (2006), uma das grandes novidades quanto à participação da juventude atual. Superando a ideia de localização geográfica, a noção de periferia designa uma identidade relacionada a estilos, estéticas, vínculos sociais e laços afetivos de parcela significativa de jovens que apresentam voz ativa no espaço público. Nesse sentido, faz-se notar a forte influência de manifestações culturais tais como o *funk*, o *punk* e o movimento *hip hop* (BOGHOSSIAN e MINAYO, 2009).

Além da organização dos grupos via associação, também se fazem presentes outras configurações e arranjos. Um deles é o espaço dos Mutirões de Grafite, tradicionais na cidade e Região Metropolitana. Tal evento é organizado pela Rede de Resistência Solidária, organização que atualmente, encontra-se pouco articulada. Mas como citado anteriormente, por já possuir tradição, o Mutirão ocorre uma vez por mês, mais especificamente no último domingo e circula por várias comunidades.

Além destes, há o Grupo Cores Femininas que foi gestado no ano de 2012 e traz uma nova proposta ao *hip hop* no âmbito da cidade, visto que é um coletivo composto apenas por mulheres, com o objetivo de fortalecê-las no *hip hop* em Pernambuco, além de reunir artistas em geral em um espaço coletivo buscando combater o preconceito contra o trabalho e a arte feminina. Incentiva a produção cultural e a valorização profissional e pessoal entre as mulheres (Blog Cores Femininas. 31/01/13).

O estudo, intitulado “A arte na política: um estudo do movimento *Hip-Hop* na cidade de Recife” (COSTA e MENEZES, 2007) retrata que Recife apresenta muitos elementos confluentes para o assentamento do *hip hop*. Essa metrópole conta com 94 bairros, muitos constituídos a partir de ocupações, que estão atualmente agrupados em seis regiões administrativas, nas quais se podem situar 66 Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS), que resultam de uma história de luta pelo direito à cidade. Em síntese, é uma cidade com significativo cinturão periférico, local por excelência de origem de muitos jovens integrantes desse movimento.

Costa e Menezes (2009) indicam que a vivência das desigualdades se visibiliza na vida dos jovens via conflitos e tensões. Eles entram no mundo do trabalho precocemente, sem qualificação, o que exige maior investimento criativo para se “garantir” no mercado informal. Em função desse conjunto de dificuldades, eles também apresentam uma relação descontínua com a instituição escola, portanto, ao tratar do movimento *hip hop* é preciso considerar que ele é composto majoritariamente pelo segmento juvenil e que há questões específicas relacionadas a este segmento.

No que concerne à juventude, adotamos nesse estudo, sua compreensão no plural, ou seja, trabalho com a noção de juventudes, discordando de um discurso que homogeneiza essa categoria ou adota apenas o critério biológico e/ou etário, para caracterizar o que é ser jovem.

A “pluralidade de situações e a multiplicação de descontinuidades e estatutos híbridos e provisórios” no conjunto dos jovens impossibilita a análise da juventude como grupo homogêneo, com os mesmos códigos, interesses e práticas. (FERRO, 2010, p. 75).

E as mulheres foram para a rua

Os estudos a respeito do movimento *hip hop* apontam a capacidade política de suas mensagens, contudo, há presença de desigualdades, sobretudo, as de gênero. A identificação da desigualdade de gênero no movimento ocorre devido a uma ordem sexual moral restritiva da participação de jovens mulheres em um movimento que ainda é hegemonicamente masculino. Em pesquisa recente, Costa e Menezes (2012) afirmam que os relatos das jovens mulheres assinalaram restrições para a sua circulação no movimento e na cidade, com rebatimentos para a circulação de seus discursos.

O cotidiano das jovens no movimento é perpassado por relações desiguais de poder, tal vivência apresenta dificuldades na militância das mesmas. No entanto, o fato delas optarem por participar de um movimento social, ademais quando se trata de um contexto hegemonicamente masculino, as relações são compostas de conflitos, dificuldades, acordos e tensões. Neste tensionamento de relações hierárquicas – uma vez que são contextos sociais de valoração desiguais – reside o enfrentamento das mulheres atuantes no movimento *hip hop*. (SAMICO, 2010).

Samico (2010) informa que no caso particular das mulheres do *hip hop* a transgressão e a luta pelo direito à liberdade de expressão, à educação e à cultura é alcançado através da participação dos grupos ou *crews* que atuam destacadamente nos espaços da rua, áreas de grande circulação de pessoas, tais como praças, parques, avenidas, escolas, comunidades, tornando notória a participação das mulheres na esfera pública.

A partir do debate empreendido e com base na observação/acompanhamento do evento intitulado “1º Mutirão Cores Femininas”, que aconteceu em Abril de 2012, na comunidade do Totó, iremos apresentar uma discussão acerca das pautas e ações políticas do grupo Cores Femininas, a fim de apontar algumas reflexões quanto à compreensão acerca das questões de gênero a partir da produção político cultural do grupo em foco.

Tal evento foi escolhido para subsidiar a discussão, visto que foi uma atividade que agregou as jovens, numa perspectiva de pertencimento coletivo e possibilitou a execução dos elementos do *hip hop*, dentre outras linguagens artísticas para debates e reflexões.

A importância não só numérica, mas também em termos de liderança, de mulheres em movimentos sociais não transforma estas mulheres necessariamente em feministas, mas faz com que sua posição na rede de poderes no interior da comunidade seja transformadora (PINTO, 1992). Ou seja, o fato de mulheres estarem inseridas em movimentos sociais pode alterar as relações de poder, mesmo se não forem feministas.

Nesse sentido, as ações empreendidas e relações entre as jovens mulheres integrantes do grupo Cores Femininas são significativas para compreender as questões de gênero, no caso em questão, a partir da produção político cultural do Cores Femininas, grupo exclusivo de mulheres, integrantes do movimento *hip hop*.

O Grupo Cores Femininas iniciou suas atividades via internet. O mesmo foi criado por iniciativa de uma jovem integrante do movimento e liderança de uma ONG, com o objetivo de articular mulheres que fazem *hip hop* em Pernambuco e Região Metropolitana e colocá-las em diálogo. O movimento inicial foi o de proporcionar comunicação online, visando rastrear as mulheres que praticam os elementos do *hip hop*, para posteriormente serem marcados os encontros presenciais.

Além desse mecanismo de comunicação online, que é o Facebook, as meninas organizaram também um blog, que foi gestado também em fevereiro de 2012. Os mesmos se apresentam como instrumentos importantes para articulação entre essas jovens. A princípio as articulações se deram virtualmente, após o 1º mutirão, foram agendadas reuniões para discutir as propostas, objetivos e outras atividades do grupo Cores Femininas. Tais reuniões ocorreram em locais centrais para favorecer a participação e acesso de todas, considerando que mulheres de bairros distintos da cidade estão inseridas no contexto do grupo.

Importante destacar que a formação do grupo tem a ver com o contexto do movimento *hip hop* na cidade do Recife, no qual as mulheres não se sentiam contempladas num movimento hegemonicamente masculino, por não ter ou ser pouco o espaço para sua participação nos eventos e por não terem sua arte reconhecida e/ou respeitada.

Conforme indica Samico (2010), observou-se que no início do movimento *hip hop* do Recife, muitas mulheres frequentavam os mutirões ou demais eventos para seguir o companheiro ou através de irmãos ou primos. Paralelo a isso e em níveis diferenciados, algumas jovens passam a praticar os elementos, porém a participação delas era pequena e se restringia à papéis secundários, como segunda voz dos grupos, para “embelezar” as músicas.

Quanto à origem/formação do grupo, outro ponto que merece destaque é no que diz respeito a sua inspiração. A idealizadora/liderança do Cores Femininas, revela que o grupo presta homenagem a uma amiga, que de acordo com a mesma é guerreira. Trata-se de uma grafiteira do Recife que atualmente vive em Aracajú. Esta é referência na história do *hip hop* do Recife, tendo sido uma das primeiras grafiteiras a atuar nas ruas da cidade. Ela participou de importantes grupos para o movimento no município, além de ter inspirado e incentivado algumas das mulheres que atualmente integram o movimento em Pernambuco. “Tenho ela como minha inspiração para dar forças a existência do Grupo Cores Femininas. De sua arte aprendi que a mulher é mais do que casa e fogão! A mulher tem a força em suas mãos!” (Blog Cores Femininas – 01/03/2013).

O Grupo Cores Femininas foi criado com o intuito de fortalecer a mulher que faz o Hip Hop Pernambucano, além de mostrar a arte feita por essa mulherada, o grupo pretende reunir artistas em geral em um espaço coletivo, onde possamos trocar ideias, experiências e produzir eventos, encontros, diálogos e oficinas ligadas ao gênero, buscando sempre combater o preconceito contra o trabalho e a arte feminina. Além de incentivar a produção cultural e a valorização profissional e pessoal entre as mulheres. (Blog Cores Femininas – 28/02/2013).

Ainda no que se refere à constituição desse coletivo, tem-se que:

É um grupo formado por jovens, mulheres e meninas. Artistas envolvidas com a cultura Hip Hop em Pernambuco e seus elementos o Break Dance, a grafiteagem, MC, DJ's, além de artistas plásticas, jovens com dons artísticos na área de teatro, áudio visual, reciclagem, literatura poética, gastronomia, cordel, libras, artes manuais diversas, desenho artístico e pintura, estampanaria, música entre outras linguagens. Um grupo feito por mulheres que usam a arte para expressar a cultura e alcançar a cidadania através das artes e do Hip Hop, potencializando a mulher como protagonista em ações importantes (Blog Cores Femininas – 28/02/2013).

Segundo o exposto, a proposta do grupo não se restringe a articular jovens mulheres integrantes do *hip hop*, indica sua abertura para a inserção de praticantes de outras linguagens artísticas. Chama a atenção, entretanto, o objetivo de alcançar a cidadania pela via da arte, o combate ao preconceito contra a produção cultural das mulheres e a valorização do protagonismo feminino. O grupo Cores Femininas se caracteriza como grupo de mulheres, apresenta apelo aos direitos e reconhecimento das mulheres nessa sociedade.

A esse respeito, em conversa informal com a jovem que está à frente do grupo, esta expôs que o Cores Femininas trabalha com a ideia de direito das mulheres e seu fortalecimento, porém não se configura como feminista. A posição da mesma, no entanto, não é a do coletivo, pois até o presente momento não houve no grupo debates sobre sua “natureza”, definições quanto a ser um grupo de mulheres ou se apresenta pautas feministas.

Tal coletivo tem investido em atividades de caráter político e formativo, dentre as quais podemos destacar: reuniões para discussões referentes ao planejamento de suas ações; oficinas na Fundação de Atendimento Socioeducativo, projeto que pôs em diálogo as jovens do grupo Cores Femininas com outras jovens e adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, por meio de uma linguagem lúdica, artística e política, abordando temáticas relacionadas à cidadania e aos direitos da mulher; grafiteagens no Centro de Referência da Mulher Clarisse Lispector, com a finalidade de

apresentar imagens, cores e mensagens na perspectiva do enfrentamento à violência doméstica; além dos mutirões.

O 1º Mutirão Cores Femininas aconteceu no dia 22 de Abril na comunidade do Totó, foi articulado através do Facebook e de divulgações feitas no blog. Ocorreu num domingo o dia todo, iniciando aproximadamente às 10 horas da manhã e seguindo até o início da noite. Contou com a presença de jovens homens e mulheres integrantes do movimento *hip hop*, mas a presença feminina foi significativa.

Estiveram presentes nesse evento, cerca de trinta mulheres. A atividade inicial foi uma roda de conversa composta exclusivamente por elas e os homens que circulavam pelo espaço não participaram desse momento. A jovem que articulou a atividade propôs uma rodada de apresentação, estávamos dispostas em círculo, de forma que todas podiam se ver. Esse momento de roda de conversa aconteceu no terraço da casa de Jasmim e as demais atividades nas ruas da comunidade. A roda possibilitou que todas se conhecessem, através de informações como onde mora; que elemento pratica; se trabalha ou estuda; se é envolvida com outras atividades artísticas; expectativas quanto ao grupo. Quanto a articuladora da ação, ela é grafiteira e é liderança numa ONG e na comunidade em que reside. Tem facilidade para agregar as pessoas e se mostra aberta ao diálogo.

Os relatos indicavam que muitas mulheres mesmo estando há algum tempo no *hip hop* não se reconheciam naquele espaço ou ainda não haviam encontrado seus pares. Rosa, grafiteira, integrante de um grupo (crew) mista e que costuma desenhar flores, em sua maioria, rosas pelos muros da cidade, pontuou em sua fala que a forma que é vista pelas pessoas quando está grafitando só com as meninas é diferente de quando está com os meninos. Relatou inclusive que quando estava sozinha na rua grafitando já sofreu roubo de materiais (pincel, tintas, sprays). E que também já teve um grafite “queimado” (quando outra pessoa grafita por cima de um grafite já existente) por grafiteiros.

Mulheres que entraram por causa de namorado ou amigos, mas que ainda não haviam encontrado seu lugar no coletivo. Como por exemplo, mulheres que ingressam no movimento pela via de relação afetivo sexual e quando o relacionamento termina, também termina a participação dessa jovem nos espaços do *hip hop*. Ou mulheres que ficam conhecidas como “a namorada de fulano”, como se não tivesse identidade própria e como se não tivesse nenhum vínculo com o movimento, apenas ao companheiro. Os depoimentos encontravam eco e fortaleciam a necessidade de constituição do grupo exclusivo de mulheres, então após esse diálogo inicial foram discutidas as propostas com relação ao grupo. Havia muita empolgação por parte das jovens. Houve também, nesse espaço da roda de conversa a discussão quanto ao nome. Cores Femininas foi sugerido por Jasmim, que foi quem criou o Facebook e também o blog. Não houve grandes discussões nem polêmicas quanto a isso, portanto, o nome ficou consolidado.

Importante problematizar ainda duas questões. 1) Não houve no coletivo debates quanto à “natureza” do grupo (se o grupo configura-se enquanto um coletivo feminista ou grupo de mulheres). Vale ressaltar que houve grande estímulo, tanto pelas redes sociais como na própria fala da liderança, nos espaços do mutirão, quanto à importância de ser escolhida a logomarca oficial do grupo. Não houve falas direcionadas ou momentos que ponderassem a necessidade da discussão quanto à natureza do grupo e nem no que se refere ao nome. Tais argumentos indicam que a posição da liderança do grupo, não é a do coletivo. 2) Vale salientar que as atividades de construção e articulação do grupo ficou concentrada aos cuidados de uma jovem apenas. Esta estruturou o grupo no Facebook e o blog para agregar outras jovens mulheres e, também organizou a atividade do mutirão. Entretanto, após a discussão do grupo no coletivo, a mesma permanece assumindo a maioria das atividades e “puxando” as reuniões, o que fragiliza o grupo.

Ainda no espaço do mutirão, conversamos ainda sobre a necessidade de serem empreendidas atividades que gerem a sustentabilidade e sobrevivência do grupo e das mulheres, por meio de eventos como feirinhas onde possam expor e vender seus trabalhos.

Embora se discuta a questão da auto sustentabilidade do grupo e das mulheres, é válido pontuar que não são todas as jovens que sobrevivem (no sentido de terem renda) a partir movimento. Em geral, são as grafiteiras que conseguem obter renda a partir do elemento, através da comercialização de desenhos.

Percebe-se que as que estão no movimento a mais tempo tem acesso a outros espaços de articulação, ou seja, participam de ONGs ou movimentos sociais, e podem está inseridas em outros grupos no âmbito do próprio *hip hop*, o que facilita acesso a outras debates, bem como construção de posturas mais críticas.

Ainda na roda de conversa, Jasmim falou sobre o “Concurso Marca Cores Femininas” que já havia sido lançado por meio do blog. Pontuou a necessidade de ser escolhida uma logomarca oficial para o grupo, incentivando que as meninas enviassem sua “arte” para concorrerem. Vale inferir que nesse espaço tinha imagens das artes que já tinham sido enviadas.

Ao final da roda de conversa foram distribuídos kits para todas as mulheres, organizados por Jasmim com apoio da ONG que a mesma integra. Cada kit continha uma camisa com o nome do grupo, caneta, um bloco de anotações e um jarro com uma flor. Todas ficaram animadas com as camisas e vestiram-nas. Dessa forma, fica claro que nome do grupo (Cores Femininas) já estava consolidado, mesmo não tendo sido escolhido coletivamente, esse foi o nome pensado e “sugerido” pela liderança responsável pela organização das atividades, tanto da formação do grupo via blog e Facebook, como também pela estruturação do mutirão. O fato das camisas já estarem prontas com a demarcação do nome do grupo e serem distribuídas, na ocasião do evento, demonstra essa postura em relação à nomeação do grupo. Esse quesito do nome não estava tão em discussão assim, como foi posto na roda de conversa, na verdade houve mais uma postura direcionada para concordância do que problematização e abertura para diálogo quanto a isso. Fato que ocorreu sem conflitos.

Ao longo do dia aconteceram diversas atividades, desde a elaboração dos grafites nos muros da comunidade, atividade clássica dos mutirões, até as que destaco: almoço coletivo, oferecido pela ONG Cores do Amanhã; pintura em telas, esse espaço ficou aberto para quem quisesse pintar e produzir, as telas que iriam para exposição em um outro evento denominado “Escubadaivem”; microfones abertos para as MCs; recital de poesia com Sálvia uma poetisa, que é integrante do grupo; mini oficina de break com duas b. girls; mini oficina de fotografia com uma jovem também integrante do Cores, que atua na parte de produção e edição de vídeo, Dália; e pintura de unhas artísticas, também com Sálvia. Houve também sorteio de brindes (telas, spray para grafite, kits para banho, hidratante). Em relação aos microfones abertos, as Yabas, grupo de rap composto por duas jovens, marcou presença, Sálvia, também participou recitando poesias.

O dia foi proveitoso para essas jovens, levando em conta que configurou-se como um momento de interação e articulação entre as mulheres. Ficou visível que apesar de ser um primeiro momento de encontro, as mesmas demonstraram estar entusiasmadas com a possibilidade dos novos contatos e encontros, além de interesse para se engajarem na construção de outras atividades em conjunto.

Tive a oportunidade de conversar com várias das jovens mulheres ali presentes e me chamou a atenção o relato de Gardênia de aproximadamente 29 anos de idade, grafiteira e residente na comunidade do Totó. Enquanto grafitava relatou que havia deixado sua filha com a mãe, segundo Gardênia sua mãe tinha deixado bem claro que não sentia-se satisfeita com “esses ambientes”, que ela frequentava e que não fazia questão de ficar com a neta, porque era melhor assim. “Esses ambientes”, aos quais a mãe de Gardênia se refere, são avaliados negativamente, pois contam com a presença de muitos homens, maloqueiros e drogas. Gardênia narrava a estória de maneira tranquila, mas com um teor de indignação, também fez questão de demonstrar o quanto estava satisfeita com o que estava acontecendo naquele domingo.

Penso que foi um encontro histórico mesmo! Eram muitas mulheres na rua, grafitando, dançando, conversando, participando de oficinas e se colocando à vontade no espaço da rua. A participação da mulher no movimento colabora para romper com sua situação de invisibilidade pública,

na maioria das vezes, com tensões no interior da família. A decisão de participar é quase sempre acompanhada de pressões por parte de pais, marido e até mesmo filhos, geralmente entendida como quebra do cotidiano familiar e de padrões morais familiares e sociais.

A saída do privado para o público envolve a entrada em redes de relações que ampliam saberes e informações, o que por sua vez, redefine as relações de poder ao nível privado. Desta forma, redefine a posição da mulher não somente na relação direta com seu companheiro, pais, familiares, a reposiciona em suas relações de amizade e vizinhança o que, por sua vez, redefine a própria relação ao nível público (PINTO, 1992).

Em relação à questão da identidade coletiva, esta diz respeito à constituição de pertença grupal, sentimento esse, que se funda a partir do partilhamento de valores, crenças e interesses comuns. Essa construção identitária é fundamental para o desenvolvimento de um processo mobilizatório, como afirma Prado (2002, p.66) “A identidade coletiva garante uma continuidade de experiência do “NÓS” e diz algo sobre a nossa pertença a um determinado grupo” (SAMICO, 2013).

Sendo assim, identifica-se que há identidade coletiva no grupo, contudo, mesmo existindo um espaço de construção coletiva entre as jovens integrantes do movimento *hip hop*, no âmbito do grupo Cores Femininas estas ora traçam o enfrentamento da desigualdade de gênero no interior do movimento, ora deixam a desejar, levando em conta que constroem ações “para fora” do âmbito do movimento. O que pode ser em certa medida considerado positivo, visto que proporciona que haja eco, a partir de tais discussões em outros segmentos da sociedade.

Considerações

A proposta do grupo Cores Femininas não se restringe a articular jovens mulheres integrantes do *hip hop*, indica sua abertura para a inserção de praticantes de outras linguagens artísticas. Chama a atenção, entretanto, o objetivo de alcançar a cidadania pela via da arte, o combate ao preconceito contra a produção cultural das mulheres e a valorização do protagonismo feminino. O grupo em questão se caracteriza como grupo de mulheres, apresenta apelo aos direitos e reconhecimento das mulheres nessa sociedade. Vale salientar que em sua constituição não houve no grupo debates sobre sua “natureza”, definições quanto a ser um grupo de mulheres ou se apresenta pautas feministas, o que demonstra a posição da liderança do grupo, que não é a do coletivo.

Pudemos identificar que as jovens do grupo Cores Femininas buscam empreender uma discussão voltada para a temática das mulheres, seus direitos, em suas produções político culturais. Não apenas do ponto de vista do grafite, entretanto, através do break, na forma de se posicionar e vestir-se e também através do rap, quando em suas letras abordam temáticas como a violência sexual, problematiza questões relacionadas à homofobia e trabalha a questão da valorização da identidade racial, por exemplo.

Embora exista um espaço de construção coletiva entre as jovens do grupo Cores Femininas estas ora traçam o enfrentamento da desigualdade de gênero no interior do movimento, ora deixam a desejar, levando em conta que constroem ações “para fora” do âmbito do movimento. O que pode ser em certa medida considerado positivo, visto que proporciona que haja eco, a partir de tais discussões em outros segmentos da sociedade.

No que concerne à vivências cotidianas, pode-se dizer que o ambiente familiar tensiona as relações público-privado para as jovens em questão, uma vez que a família tende a reproduzir a cultura política hegemônica, na qual o espaço doméstico é feminino e o espaço da rua é masculino. Neste sentido, a cultura política hegemônica é desafiada pela cultura de rua do *hip hop*, exigindo a ocupação do espaço público para sua produção.

Referências

- BARRETO, S. G. P. Hip-hop na Região Metropolitana de Recife. 2004. 188 fl. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.
- BOGHOSSIAN, Cynthia. O. e MINAYO, Maria Cecília. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009.
- CORES FEMININAS. **Blog**. < <http://grupocoresfemininas.blogspot.com.br/>>. Acesso em 28/02/2013.
- COSTA e MENEZES, 2009, p. 201 Os Territórios de Ação Política de Jovens do Movimento Hip-Hop. Em Pauta, v.6, n 24, p.199-215, 2009.
- COSTA, Mônica R.; MENEZES, Jaileila A; MONTENEGRO, Cybelle A. SAMICO, Shirley L. “Acho que a gente veio meio que para quebrar isso”: as tensões de gênero e a participação no movimento hip hop. In: CASTRO, Lúcia R. MAYORGA, Claudia, 2012.
- FERRO, L. O graffiti mediador. Reflexões sobre as metamorfoses da prática em três cidades. In: VELHO, Gilberto. DUARTE, L.F.D.(Org.). Juventude Contemporânea. Culturas, gostos e carreiras. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.
- MATSUNAGA, Priscila. Saemi. As representações sociais da mulher no movimento hip hop. Rev. Psicol. Soc., Abr 2008, v.20, nº1, p.108-116.
- MENEZES-SANTOS, J de A. Juventude e gênero no contexto do movimento hip hop de Recife e Caruaru. Sub projeto de pesquisa, PIBIC/FACEPE 2010.
- NOVAES, Regina. Juventude e sociedade. Trabalho, educação, cultura e participação. Instituto Cidadania e Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PINTO, Céli Regina Jardim. Movimentos sociais: espaços privilegiados da mulher enquanto sujeito político. In: BRUSCHINI, Cristina. COSTA, Albertina Oliveira. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, Sp: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- RODRIGUES, Maria N. M. e MENEZES. Jaileila, A. Narrativas de jovens mulheres rappers. In: Anais do V JUBRA - Simpósio Internacional sobre a Juventude Brasileira, Recife.
- SAMICO, Shirley L. Lideranças femininas e feministas: um estudo sobre a participação de jovens mulheres no movimento *hip hop*. 2013. 135f. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2013.
- SAMICO, Shirley L. Para além das rotas pré-estabelecidas do cotidiano: um estudo de gênero no movimento *hip hop* da cidade do Recife. 2010. 90f. Monografia (Graduação em Serviço Social). Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2010.